

EVE GARNETT



A Família da Rua Sem Saída



O dia a dia de uma família numerosa,
barulhenta e muito feliz.

 *fábula*

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| 1. Os Batizados | 9 |
| 2. Lily Rose e o Saiote de Seda Verde | 25 |
| 3. Kate Ganha... e Deita Tudo a Perder! | 37 |
| 4. O Bando da Mão Negra | 71 |
| 5. A Aventura no Carro Estacionado | 97 |
| 6. O Concurso de Bebés | 127 |
| 7. Uma Aventura no Cinema | 143 |
| 8. O Achado do Sr. Ruggles | 159 |
| 9. O Grande Cortejo | 187 |
| 10. Um Dia Perfeito | 211 |

Para Lettice Loughnan



1. Os Batizados

A Sra. Ruggles era lavadeira e o marido era lixeiro. «Muito adequado», diria ela, embora fosse difícil de perceber se se referia ao Sr. Ruggles ou ao facto de ambos limparem o que os outros sujavam.

O nome do Sr. Ruggles era Josiah, Jo para os amigos. A sua mulher chamava-lhe uma série de outras coisas: «Ei, Jo!», «Tu, aí!», «Pai», «Velhote» e, quando estava *particularmente* bem-disposta, e, às vezes, aos domingos à tarde, «Meu querido».

O nome da Sra. Ruggles era Rosie, e ninguém, à exceção dos filhos, alguma vez pensara chamar-lhe outra coisa.

Os Ruggles tinham muitos filhos — rapazes e raparigas, e um bebé que, na verdade, também era um rapaz, mas ainda não contava como tal.

Os vizinhos sentiam pena de Jo e de Rosie por terem uma família tão grande — chamavam-lhe «vitoriana» —, mas o lixeiro e a mulher orgulhavam-se dos seus numerosos filhos e filhas, todos-a-crescer-fortes-e-saudáveis-um-atrás-do-outro-como-degraus-de-uma-escada e a-usarem-as-roupas-uns-dos-outros-desde-o-mais-velho-ao-bebé, de modo que, bem vistas as coisas, a Sra. Ruggles só precisava de comprar dois conjuntos de roupa, um de menina e outro de menino, de verão e de inverno — à exceção das *botas*.

Em casa dos Ruggles, falava-se muito de botas. Estavam sempre a gostar-se e a precisar de ir ao sapateiro do bairro, para levarem meias-solas e tacões novos, bem como protetores de metal ou de borracha nas biqueiras, de forma a durarem mais tempo. Quase todas as semanas, lá se via um dos pequenos Ruggles a correr para o sapateiro com uma bota em cada mão, ou a voltar de lá com um embrulho volumoso e mal-amanhado de papel pardo usado.

A família Ruggles vivia numa cidade pequena — quer isto dizer que havia três cinemas e uma loja da Woolworth¹ a cinco minutos a pé de casa, mas tinham de caminhar meia hora para verem campos verdejantes, sem vestígios de casas, apenas com sebes e rodeados de árvores. A cidade chamava-se Otwell, exceto na estação de comboios e nos anúncios, que se lhe referiam como Otwell-do-Ouse, nome enganador, como acabavam por descobrir muitos visitantes que ali chegavam de Londres, no verão, atraídos por cartazes

¹ Cadeia internacional de lojas norte-americana, fundada em 1878. [N. da T.]

que exibiam Otwell e o seu famoso castelo erguendo-se nas margens do rio Ouse. Na realidade, o Ouse, uma espécie de riacho lamacento, passava pelos campos em direção ao mar, a uns dez quilómetros dali, já fora da povoação; havia um troço em que se aproximava da cidade, como que curioso por ver que tal era, mas ficava logo a seguir à estação, pelo que apenas a ponte ferroviária e o posto de sinalização estavam verdadeiramente nas margens do rio Ouse, e a companhia de comboios tirava o máximo partido do facto.

Os Ruggles moravam no n.º 1 da Rua Sem Saída, no centro da cidade, mais perto dos cinemas e da Woolworth e mais distante dos campos. De segunda a sexta-feira de manhã, a casa, que era muito velha e muito pequena, enchia-se de vapor e do cheiro de roupa húmida a secar, mas, às sextas-feiras à tarde e aos sábados, arejava um bocadinho e, aos domingos, estava tão limpa e arrumada como qualquer outra casa da cidade. Do lado de fora, pendia uma placa azul onde se lia, em letras garrafais, pintadas a branco, «A Lavandaria Ideal. Trabalho Cuidadoso à Mão» e, por baixo, em letras mais pequenas, as misteriosas palavras «Roupa Ensacada»².

Nas traseiras, havia um pequeno quintal onde, nos dias bonitos, a roupa era posta a secar e onde, nos seus tempos livres, o Sr. Ruggles fazia um bocadinho de jardinagem, cuidava da horta, criava três galinhas num velho caixote de

² No original, em inglês: «Bag-wash». Serviço opcional, mais barato, em que a roupa, depois de lavada, era devolvida aos clientes, em sacos, ainda por secar e passar a ferro. [N. da T.]

sabão, sonhava em ter um porco e, por ser lixeiro, tinha, de vez em quando, pesadelos com o Inspetor Sanitário.



A correr com uma bota em cada mão

Lily Rose era a filha mais velha dos Ruggles. Tinha 12 anos e meio (quase 13) e já estava no penúltimo ano da escola, além de também dar uma grande ajuda em casa, com a calandra³. A sua maior provação na vida era o seu nome, já que se tratava de uma rapariga encorpada, de cabelo ruivo, que em nada se parecia com um lírio (Lily) ou uma rosa (Rose), ou qualquer outra flor — a menos que fosse uma couve-flor —, mas, como ela própria

³ Máquina à manivela para espremer a roupa molhada. [N. da T.]

muitas vezes dizia, suspirando, podia ter sido pior. E podia mesmo. Por pouco não fora!

Certa vez, ainda antes de se casarem, Rosie e Jo foram a Londres, numa excursão. Entre outros sítios, visitaram uma das galerias do museu Tate, onde viram um quadro «encantador», segundo Rosie, e «bem real», ainda que um bocadinho confuso. Intitulava-se *Carnation, Lily, Lily, Rose*⁴ e mostrava duas crianças, rodeadas de flores, a pendurar lanternas japonesas ao crepúsculo. Rosie não percebera se os nomes do título se referiam às flores ou às crianças; estavam todos com maiúscula, embora as flores em si fossem bastante indistintas, ao contrário das crianças. Mas, nesse caso, porque apareceria o nome Lily duas vezes? E seria possível chamar *Carnation* a uma criança? Quando perguntou a opinião de Jo, ele respondeu que não sabia ao certo e que estava intrigado com a assinatura do artista, ao canto — Sargent⁵ —, não conseguindo entender como é que os soldados arranjavam tempo para aquele tipo de coisas, apesar de sempre ter ouvido dizer que o trabalho, no exército, era leve.

— Ainda por cima, não é assim que se escreve — comentou Rosie, observando o quadro mais de perto. — É uma daquelas palavras que nos enganam. Eu sei bem. O meu tio era da Polícia e só não se fez sargento porque o apanharam a montar armadilhas para coelhos, uma noite. Andava a juntar peles para fazer um belo casaco à

⁴ Em português: Cravo, Lírio, Lírio, Rosa. [N. da T.]

⁵ Apelido do pintor (John Singer Sargent), que as personagens confundem com a palavra «sergeant» (sargento). [N. da T.]

mulher. Encontraram 83, na copa da casa dele. Era um homem demasiado bom, foi essa a sua perdição.

Jo, que já ouvira aquela história antes, disse que, de qualquer maneira, pouco importava e que queria era ver quadros mais animados, por isso seguiram para outra sala e deleitaram-se com batalhas e naufrágios. As botas de Jo, com os seus protetores novinhos em folha, faziam um estardalhaço infernal no bonito chão polido e mereceram-lhe muitos olhares aborrecidos por parte das senhoras de meia-idade e dos jovens artistas de nariz empinado que pareciam também ter ido em excursão. Só quando já estavam derreados — depois de uma passagem pelo Madame Tussauds e pelo Jardim Zoológico e de uma voltinha nos barcos de baloiço de um parque de diversões —, sentados numa cafetaria, a comer *fish and chips* e a beber chocolate quente, é que Rosie tornou a mencionar o quadro.



Rua Sem Saída

— *Carnation, Lily, Lily, Rose* — murmurou, entre uma dentada de *fish and chips* e um gole de chocolate muito quente.

— O que é que foi, Rosie? Engoliste uma espinha? — perguntou o Sr. Ruggles, preocupado.

— Achas?! Isto são filetes! Não. Estou só cismada com aquele quadro. Quando nos casarmos, Jo, gostava que a nossa primeira filha se chamasse *Carnation Lily Rose*; *Rose* como a mãe, e podíamos tratá-la por *Carnation* ou por *Lily*.

— E se for um rapaz? — perguntou Jo.

— Não vai ser — declarou Rosie, firmemente.

E não foi. Porém, à porta da igreja, Jo protestou veementemente contra chamar *Carnation* à sua primeira filha, e o pastor disse-lhes, com tanta *secura*, «Vá lá, ainda tenho mais três bebés para batizar, e a minha mulher convidou umas amigas para lanchar, por isso decidam-se de uma vez» que Rosie cedeu. Assim, a bebé ruiva, que berava a plenos pulmões, foi batizada, sem mais discussões, apenas de *Lily Rose*.

A seguir nasceu outra rapariga, e Jo disse que era a vez dele de escolher um nome e que a filha devia chamar-se simplesmente *Kate*, como a sua querida mãe.

— Mas a tua querida mãe era desenxabida, como o nome — ripostou Rosie —, enquanto a minha bebé é linda. Não és, minha riqueza?

Pois quis o destino que *Kate* viesse a justificar o singelo nome, transformando-se numa menina sardenta, com pernas de palito e cabelo de rato — surpreendentemente diferente da espadaúda *Lily Rose*



*Uma menina sardenta,
com pernas de palito e cabelo de rato*

Depois vieram dois rapazes gêmeos, e o Sr. Ruggles, que fora ao presbitério em busca de um caridoso auxílio para vestir os filhos — uma vez que só esperavam *um* —, passou o domingo a seguir ao nascimento dos bebês na igreja. Fê-lo, em parte, para ficar longe do rebuliço que reinava em casa com a chegada dos gêmeos e, em parte, como agradecimento à mulher do pastor, que se mostrara tão prestável na questão das roupas extra. Sim, porque o Sr. Ruggles não era um praticante fervoroso e lembrara-se, à porta do presbitério, que a última vez que pusera os pés na igreja havia sido durante o Festival das Colheitas, já lá iam uns bons meses.



Surpreendentemente diferente da espadaúda Lily Rose

Apesar de se ir ajoelhando, pondo de pé e sentando a par da congregação, o Sr. Ruggles sentiu uma grande dificuldade em concentrar-se na missa, pois tinha a cabeça a fervilhar. Naquele momento, os gémeos ocupavam grande parte do seu pensamento, mas o cantinho reservado à jardinagem entretinha-se a pensar no progresso dos seus legumes primaveris e a tentar perceber como é que os alhos franceses e as cenouras do Sr. Hook, que morava no n.º 2 da Rua Sem Saída, podiam estar tão mais crescidos. Depois punha-se a dúvida de conseguir ou não enfiar mais uma ou duas galinhas no caixote do sabão.

Se a família continuasse a crescer àquela velocidade, matutava o Sr. Ruggles, quantos mais alimentos produzisse em casa, melhor. E havia sempre, claro, o dilema do porco. Neste ponto, Jo permitiu-se sonhar por alguns instantes... De certeza que, no canto entre o caixote das galinhas e a barraquinha das ferramentas, havia espaço suficiente para um chiqueiro pequeno. Podia roubar um bocado ao canteiro das flores e encurtar uns centímetros o estendal de Rosie — na verdade, até podia deitar abaixo a barraquinha das ferramentas e guardá-las na cozinha, embora duvidasse que Rosie fosse na conversa. De qualquer forma, com gémeos em casa, chegara a altura de ponderar com seriedade o dilema do porco. A imagem do Inspetor Sanitário cruzou-lhe o pensamento, mas tão fugazmente que, quando a congregação se sentou para o segundo sermão, as galinhas, os legumes e os gémeos tomaram de novo conta da mente do Sr. Ruggles.

— São estes os nomes dos 12 Apóstolos — leu o pastor.

Jo apurou o ouvido. Nomes. Ora aí estava outro problema. Rosie ainda não dissera nada em relação aos nomes dos gémeos. Ele também não tocara no assunto, mas punha as mãos no fogo em como a mulher tinha alguma na manga — Jo achava que Rosie nunca lhe perdoara a história de Lily Rose não se chamar Carnation e de Kate ser apenas Kate. Desta vez, talvez fosse melhor levar em conta a opinião dela. Só não aceitaria nomes pomposos ou delicodoces para rapazes — isso nunca —, e, no que dependesse de Rosie, *seriam*, por certo, pomposos ou delicodoces, ou ambos.

— Simon, chamado Peter, e Andrew, seu irmão — leu o pastor. — James, filho de Zebedee, e John, seu irmão; Philip e Bartholomew; Thomas e Mathew...

Dá a impressão de que vêm sempre aos pares, pensou Jo, com os seus botões. Era, de certa forma, encorajador. O melhor é escolher dois destes e pôr uma pedra sobre o assunto.

Contudo, o pastor continuara a ler, e a frase seguinte que Jo apanhou foi que um trabalhador é digno do seu alimento, o que também lhe pareceu muito a propósito, desejando, nesse momento, que o jantar daquele domingo fosse dos bons. Nisto, como que assaltado por uma ideia repentina, tirou o livro de orações do rebordo do banco à sua frente e, depois de humedecer o dedo e passar ruidosamente várias páginas, encontrou a que procurava. Sacou o coto de um lápis da algibeira, apontou-o à lista de apóstolos, fechou os olhos e pousou o bico na página. Pronto! James e John. Jo suspirou de alívio: temera que calhasse Philip e Bartholomew — sobretudo, Bartholomew.

— Está decidido — murmurou.

A Sra. Chips, a mulher do merceeiro, resplandecente de veludo azul-safira, sentada no lugar mais distante do banco, para que não houvesse qualquer possibilidade de alguém pensar que eram amigos (tão grande é o abismo entre a mercearia e a limpeza de ruas), lançou-lhe um olhar reprovador. O Sr. Ruggles, contudo, não deu por isso; acabara de resolver um problema sem precisar de tomar uma decisão — uma forma de poupar trabalho que ele muito apreciava. Os nomes dos gémeos estavam

escolhidos e, mal terminasse a missa, daria um salto à sacristia para marcar os batizados.

Quando chegou a casa com as boas notícias, Rosie ficou aborrecida:

— Ai já decidiste, foi? Pois eu também: Roland e Nigel, é assim que se vão chamar. Bah! James e John!

— *Roland e Nigel?! Que ideia!* — exclamou o Sr. Ruggles. — Isso lá são nomes para os filhos de um lixeiro?!

— E qual é o mal de se ser lixeiro? — ripostou Rosie. — Gostava de saber o que seria das pessoas desta cidade se não fosses tu, e eu, já que estamos a falar nisso, a lavar e a limpar o que elas sujam! Deviam estar num lindo estado, deviam!

— Talvez — disse Jo —, mas filhos meus não se hão de chamar Roland e Nigel. Além do mais, já te disse que dei os nomes ao pastor.

— Voltas lá e dizes-lhe que mudaste de ideias e pronto! Agora vai-me soltar as galinhas, pelo amor de Deus, que te esqueceste delas esta manhã.

Porém, mais uma vez, Jo levou a dele avante. Rosie andava ocupadíssima com dois bebês para cuidar ao mesmo tempo — já para não falar de Lily Rose e de Kate — e, no final das contas... Roland e Nigel... talvez os outros miúdos fizessem troça deles. Rosie estava muito feliz (embora não o admitisse) por não terem acrescentado Carnation ao nome de Lily Rose. Ainda assim, não a deixavam em paz desde que entrara para a escola...

Os gémeos foram batizados de James e John.

Durante dois anos, não houve mais acréscimos à família Ruggles. Depois veio outro rapaz.

— Com este vai ser canja — disse Jo. — Vamos dar-lhe o meu nome.

E assim fizeram. Contudo, arranjaram outro tipo de problema. Ter dois Jos na mesma casa gerava tamanha confusão que o Sr. Ruggles passou a ser o Velho Jo. Por vezes, quando estava cansado, dizia que era exactamente como se sentia.

Passaram-se mais dois anos até chegar o bebé seguinte e, dessa feita, foi uma rapariga.

— Ainda bem! — disse a Sra. Ruggles. — Já estou farta de rapazes. E é a minha vez de escolher o nome — continuou, fitando o Velho Jo, sentado a fumar o seu cachimbo, depois do jantar. — Sim, é a minha vez, e não penses que me trocas as voltas. Vai chamar-se Margaret Rosie, que é a junção do meu nome com o da princesinha⁶. E se achares muito pomposo para a filha de um lixeiro, podes sempre tratá-la por Peggy. Não te impeço.

Apesar de o Sr. Ruggles ter argumentado que ela já dera o seu nome a uma das crianças, a vontade da Sra. Ruggles prevaleceu, e a bebé foi batizada de Margaret Rosie, passando, em pouco tempo, a Peggy, e, antes sequer de chegar aos 2 anos, a Peg. Parecia destinada a ser a mais nova da família Ruggles, mas, quatro anos depois,

⁶ Refere-se à Princesa Margarida de Inglaterra, irmã da Rainha Isabel II. [N. da T.]

embora a Sra. Ruggles estivesse farta de rapazes, veio mais um.

— E que seja o último: rapaz ou rapariga — disse Rosie.

Houve menos controvérsia na escolha do nome deste rebento, porque Rosie teve a brilhante ideia de sugerir que seria um gesto simpático e uma bonita homenagem dar-lhe o nome do pastor, que tão amavelmente batizara de graça a primeira meia dúzia.

— Depende de como ele se chamar — disse o Sr. Ruggles, precavendo-se (não fosse aparecer-lhe outro Roland ou Nigel, ou algo do género).

Apesar de a Sra. Ruggles não ser a lavadeira habitual do presbitério, fazia, por vezes, uns trabalhinhos «de favor» à Sra. Theobald, a mulher do pastor. Quando, certa noite, foi entregar alguns desses favores, decidiu perguntar ao pastor se não se importava que ela desse o nome dele ao seu último bebé.

O reverendo Theobald disse que ficaria encantado, mas que se chamava James, e, se não se enganava, esse já era o nome de um dos gémeos. Assim, sugeriu que talvez William, o seu segundo nome, servisse.

A Sra. Ruggles assentiu — claro que sim, que servia muito bem, obrigada. Preparava-se para acrescentar que o marido não ia poder dizer que havia algo de errado com *aquela* nome para o filho de um lixeiro quando lhe ocorreu que se calhar não era um comentário simpático e... O que estava ele a dizer?... Muita despesa e tantas crianças...

— E aqui tem uma nota de 1 libra, um presente de batizado para o William.

A Sra. Ruggles quase correu de volta ao n.º 1 da Rua Sem Saída com as boas novas.

— Então? — perguntou-lhe o marido, recebendo-a à porta e pegando no cesto de roupa vazio. — O que é que resolveste? O nome dele é James, acabei de ver na revista da paróquia, mas também tem um «W» — acrescentou, esperançado.

— Um nome «delicodoce» — declarou Rosie. Dirigindo-se ao berço, pegou no bebé ao colo e deu-lhe um beijo, o que o acordou e o deixou a berrar desalmadamente. — *Outro* nome «delicodoce»!

— *O quê?!* — gritou Jo. — Nem penses! Recuso-me a ter Carnations e outros que tais na minha família! Ainda para mais num rapaz!

— Ele chama-se William — gritou Rosie. — Doce William, e é também muito gentil, deu-me uma nota de 1 libra como prenda de batizado do William!

Quando, por fim, o Sr. Ruggles conseguiu descortinar quem era quem entre tantos «Williams», suspirou de alívio.

O bebé ficou, assim, a chamar-se William, embora nem sempre fosse doce. E depois dele não houve mais nenhum.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te encantam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



Os Ruggles são, provavelmente, a família mais unida e divertida da Rua Sem Saída.

Não existem momentos de tédio nesta família. Os sete filhos — três raparigas e quatro rapazes — dão cabo do juízo dos pais com as suas escapadelas e tropelias — como a inesperada viagem aérea de Jim a bordo de um cano de esgoto... ou aquela ocasião em que a pequena Peg acabou nos braços de um polícia, em Londres... Até William, o bebé da família, saiu muito cedo da casca.

Uma história repleta de ternura e humor,
que nos relembra que a felicidade
está nas pequenas coisas.



 **fábula**

imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-571-1

12+



9 789897 075711

Literatura Juvenil